

REFLEXÃO SOBRE OS SABERES DA DOCÊNCIA EM DUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA TÉCNICA E OUTRA CRÍTICA

REFLECTION ON THE TEACHING IN TWO PEDAGOGICAL PRACTICES IN BASIC EDUCATION: A TECHNIQUE AND OTHER CRITICISM

Ricardo Shitsuka¹, Dorlivete Moreira Shitsuka²

RESUMO: No Brasil atual, existe uma importante necessidade em se formar professores em quantidade e qualidade para se formar as gerações futuras. Na formação dos professores torna-se importante prepará-los para fazer uso das teorias educacionais com consciência e que existe a reflexão sobre os saberes e práticas docentes. O objetivo do artigo é apresentar um estudo comparativo relacionado à natureza de situações que são próprias da atividade dos professores no exercício da docência e realizar uma reflexão socialmente contextualizada e teoricamente fundamentada sobre tal prática. Realiza-se uma pesquisa qualitativa na qual se compara a prática docente de dois professores: o primeiro mais técnico e a segunda mais crítica. A reflexão sobre o tipo de trabalho realizado pelos professores apoiado em teorias educacionais torna-se interessante do ponto de vista educacional e fornece alguns subsídios para as pessoas interessadas na educação e em seus processos de ensino e de aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Práticas pedagógicas. Docente técnico. Docente crítico. Teorias educacionais.

ABSTRACT: In Brazil today there is an important need for graduating teachers in quantity and quality to form future generations. In teacher education it becomes important to prepare them to make use of Educational theories with awareness and that there is a reflection on the knowledge and teaching practices. The objective of this paper is to present a related nature of situations that are typical of the activities of teachers in the teaching profession and perform a socially contextualized and theoretically founded on such practical reflection comparative study. It has carried out a qualitative study, which compares the teaching practice of two teachers: the first more technical and the second more critical. The reflection on the type of work that teachers supported by educational theories becomes interesting from an educational perspective and provides some subsidies for people interested in education and in the process of teaching and learning.

KEYWORDS: Education. Pedagogical Practices. Technical Faculty. Lecturer critical. Educational theories.

1. Professor Adjunto na Univ. Fed. Itajubá – UNIFEI C. Itabira, Líder do Grupo de Pesquisas em Ensino - MEAC.

2. Professora na FMU, Claretiano e UNIESP e tutora de EAD no PIGEAD/LANTE/UFF. Pesquisadora no MEAC.



INTRODUÇÃO

Atualmente, existe um esforço por parte dos governos e instituições no sentido de formar professores para que não haja falta na quantidade e qualidade de profissionais necessários à educação em nível básico no Brasil.

Lecionar nos tempos atuais, da pós-modernidade, não é uma tarefa fácil. Trata-se de uma tarefa complexa na qual o professor tem que considerar as teorias educacionais, as orientações governamentais por meio de diretrizes estaduais ou dos Parâmetros Curriculares Nacionais e também das forças da sociedade, das linhas das escolas, as exigências da sociedade e a realidade do aluno e seu meio social.

O objetivo do presente trabalho é investigar, refletir e apresentar a natureza de situações que são próprias da atividade dos professores no exercício da docência na educação básica e realizar uma reflexão socialmente contextualizada e teoricamente fundamentada sobre tal prática por meio da comparação do trabalho realizado por dois professores: um de modo mais técnico e outro mais crítico em termos educacionais.

As teorias são desenvolvidas para explicar fenômenos ou acontecimentos. Quando uma teoria não consegue explicar diversos casos que surgem, geralmente, desenvolve-se outra nova, que possa explicar os fenômenos não previstos na anterior. Neste trabalho aborda-se a formação dos professores no sentido técnico ou crítico e para tanto busca-se o apoio nas teorias de aprendizagem. As teorias psicogenéticas foram importantes para

explicar como as crianças aprendiam e elas vieram em contraposição às teorias anteriores, behavioristas. Com o passar do tempo, surgiram críticas ao Construtivismo, às Pedagogias das Competências e à Pedagogia do Aprender a Aprender. Nas linhas seguintes discorre-se sobre tais teorias.

A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

Em qualquer profissão quando se conta com profissionais bem formados, responsáveis, conscientes do seu trabalho, com condições de evoluir, sabe-se que os resultados serão promissores.

A formação dos professores deve ser realizada em ambientes ricos, com muitas atividades teóricas e outras práticas. Estas são de importância fundamental para que ocorram os processos de ensino e de aprendizagem bem trabalhados. Os professores serão organizadores das condições de ensino dos seus futuros alunos, ou seja, das formas como ocorrerão as atividades e avaliações (PERRENOUD, 2001). Os professores integram a vertente do ensino, ao passo que os alunos fazem parte do lado do aprendizado.

Um professor técnico é aquele que tende ao executor, que realiza as tarefas determinadas por outros profissionais e não é planejador. Não pensa na prática a ser realizada, no contexto e nas possibilidades de trabalho. Por outro lado, em outro extremo, há o professor crítico, que atua de modo diferente do técnico. O crítico assume responsabilidades, realiza propostas, planeja e organiza seu ensino de acordo com as necessidades de seu público e



reflete sobre seu trabalho de forma a tentar modificar e melhorá-lo (GIROUX, 1997).

Um professor crítico tem que possuir uma formação mais ampla e sólida que o técnico. Ao passo, que este tende a se tornar um “operário da educação”, que se limita a realizar o que lhe é pré-programado e mandado.

Seja crítico ou técnico, um professor tem que se embasar para realizar seu trabalho. O embasamento vem do conhecimento e utilização de uma ou mais teorias pedagógicas que suportem suas práticas e enfim, o trabalho educacional que realiza com seus alunos.

No caso do docente técnico, este frequentemente trabalha com material didático e instruções de trabalho preparadas por outras pessoas. Um exemplo disso é o fornecido pelo professor que faz uso de apostilas elaboradas por terceiros, e para o qual, o ensino tende a ser realizado de modo mecânico, por meio da teoria educacional do behaviorismo ou comportamentalismo que fornece suporte ao tipo de treinamento a ser realizado: alguém, anteriormente já pensou no ensino para este professor, de modo que o que lhe resta é cumprir com o que foi programado para ser realizado. Nem sempre um professor faz uso somente de uma teoria, muitas vezes, em suas práticas ele pode fazer uma mistura de práticas, as vezes tendendo a alguma delas.

Os professores no seu cotidiano, mesmo que inconscientemente, fazem uso das teorias behavioristas (SKINNER, 1995), psicogenéticas, aprendizagem significativa ou outra quando têm que trabalhar algum conteúdo com seus alunos (MAURI, 1988). E desta forma o profissional conta com uma

referência em relação ao seu trabalho docente do que, como, quando ensinar e avaliar.

Para realizar seu trabalho os professores contam com as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e as propostas curriculares das Secretarias Estaduais de Educação e estas fazem uso de autores como é o caso de Piaget e Vygotsky para explicar e encontrar suporte para os fenômenos que ocorrem nos processos de ensino e de aprendizagem. Esses autores contam em comum com a ideia de que o conhecimento é resultado da ação que passa entre o sujeito e o objeto (FARAGO, 2012).

A medida que o professor deseja mudar sua práxis educacional ele tem que ir em busca de outros modelos de suporte como é o caso do construtivismo, do aprender a aprender ou da teoria vygotskyana. OK

CONSTRUTIVISMO

Piaget considera que a aprendizagem ocorre por meio da construção do conhecimento em processos que envolvem a desequilibração, seguida da assimilação e acomodação, e desta forma, se constroem os esquemas do conhecimento (PIAGET, 2012).

A teoria piagetiana explica como as crianças aprendem. Piaget realizou seus estudos em crianças e não explica como aprendem os adultos. Como a formação deste epistemólogo suíço era em Biologia, tudo indica que trouxe alguma influência desta ciência em sua formação e na elaboração da sua teoria (PIAGET, 1973). O construtivismo piagetiano, mostrou-se tendente à biologia e menos ao enfoque cultural e social. OK



Piaget nos seus estudos considerava a pessoa e o objeto e não o grupo social e o aspecto histórico social. Esta forma de trabalhar mostrou-se muito rica e trouxe uma explicação sobre a forma de aprender infantil. Como exemplo, quando se colocava uma bola diante de um bebê e depois se escondia a mesma atrás de um travesseiro e esta criança tentava pegar a bola sabendo que a mesma estava atrás do travesseiro, pois tinha formado um objeto em sua mente. O aprendizado construtivista também conta com interpretações erráticas que levam o professor muitas vezes a ser colocado numa posição secundária em relação ao processo de ensino e o de aprendizagem, visto que segundo o construtivismo, o aluno é quem aprende e pode ditar o ritmo de aprendizado.

O professor ao intervir pode ser considerado como sendo autoritário e pode estar atrapalhando este processo (DUARTE, 2009).

Na realidade para que ocorra o aprendizado, é necessário se ter quem organize as condições de ensino e mesmo após o trabalho de aprendizado é preciso ter alguma forma de aferição ou medição para saber se houve aprendizado e em que nível ou extensão. Desta forma, é preciso se repensar que o professor é um agente importante e ativo, no modelo construtivista. É interessante valorizar a figura do professor nos processos. O professor construtivista não segue o modelo da aprendizagem mecânica característico da aprendizagem behaviorista que tende mais à memorização como é o caso do aprendizado da tabuada de aritmética por meio da “decoreba”.

TEORIA VYGOTSKYANA

Vygotsky trabalhou um construtivismo histórico. Muitas vezes se atribui a esse autor, coisas que ele não foca em suas obras. Este é o caso das expressões ou palavras construtivismo interacionista, sócio interacionismo, ou somente interacionismo. Vygotsky só passou próximo e tateou a questão social (DUARTE, 2000). O trabalho deste cientista era voltado mais para o aspecto histórico-cultural.

A teoria vygotskyana explica como as pessoas podem se apropriar de bens culturais. Quando o professor trabalha o materialismo histórico-dialético, ele compreende mais seu aluno e desta forma, pode trabalhar melhor o processo de ensino e de aprendizagem considerando a região ou zona proximal do aprendizado (VYGOTSKY, 1996).

Uma região proximal do conhecimento ocorre quando o professor trabalha de modo contextualizado com coisas que seus alunos conhecem e desta forma, trabalhando o novo conhecimento de forma próxima ao que já conhecem, facilita-se o aprendizado.

Para que o professor exerça bem o seu papel educacional é interessante que ele se aproprie e faça uso de modo correto das teorias educacionais bem como saiba lidar com suas limitações.

No seu trabalho docente, um professor tem que ter em mente o foco em seus objetivos educacionais, e desta forma pode planejar e realizar a aula dentro das limitações e condições consideradas (FARAGO, 2012).

Quando um professor centra seu trabalho docente, não no professor, nem no aluno, mas no conteúdo num contexto próximo ao que o aluno já conhece, facilita-se o processo de aprendizagem. É preciso que o professor tenha mais tempo para conhecer seus alunos,



saber o que já conhecem, saber suas dificuldades e potencialidades e o que facilita o aprendizado desses alunos. Para que um professor tenha condições de realizar esse tipo de trabalho, torna-se interessante que seu trabalho docente seja valorizado: quando um professor é valorizado em seu trabalho e tem o reconhecimento pela sociedade, instituições, nos Governos e todos trabalham de modo cooperativo, por conseguinte também se favorece a melhoria da educação no País. Um trabalho próximo ao realizado por Vygotsky mas com enfoque mais no indivíduo e sua aprendizagem é aquela da aprendizagem significativa que é abordado nas linhas seguintes.

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E O APRENDER A APRENDER

Aprendizagem significativa é aquela duradoura e que é considerada como sendo útil à vida da pessoa.

A teoria da aprendizagem significativa explica como as pessoas aprendem, principalmente, considerando que as mesmas já tenham algum conceito sobre determinado assunto, ao vir alguma informação nova, esta se liga ao conceito pré-existente formando uma nova estrutura que foi denominada de *subsumer* em inglês (AUSBEL, NOVAK; HANESIAN, 1980, MOREIRA; MASSINI, 2008).

A aprendizagem significativa foi criada por Ausubel e explica como as pessoas em geral e os adultos aprendem. Ele é um psicólogo Americano cognitivista. A teoria ausubeliana considera que se a pessoa tem em sua mente os locais onde uma nova informação pode se ancorar, pode-se formar um novo conceito na mente do aluno e este tipo de aprendizado é o denominado significativo.

Um dos conceitos que é bastante próximo e compatível ao do trabalhado por Ausubel é o da região proximal do conhecimento. A teoria de Ausubel tem alguns aspectos que a aproximam da teoria de Vygotsky. Este considera que caso se ensine alguma coisa próximo daquilo que uma pessoa já sabe, essa região é denominada Região de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Quando se realiza um trabalho educacional próximo à ZDP, se facilita o aprendizado (VYGOTSKY, 2008).

Muitos professores experientes trabalham o ensino com coisas próximas do que o aluno já conhece ou então algum aprendizado contextualizado com a realidade do aluno de modo a facilitar seu aprendizado. A Figura 1 apresenta a forma de enxergar o aprendizado de conceitos acadêmicos em relação aos do cotidiano da vida.

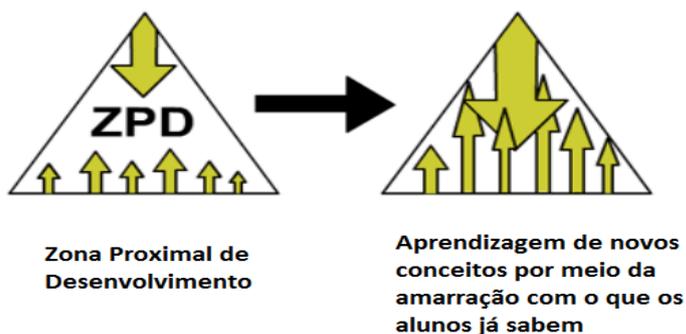


Figura 1 – Aprendizagem segundo Wellings (Adaptado de Wellings (2003)).

A imagem mostra os conceitos que fazem parte do acadêmico e que é representado pela única seta grande, de direção vertical e sentido apontando para baixo: é o conhecimento estruturado e organizado que o professor costuma trabalhar. Por outro lado, há os conceitos possuídos pelos alunos: vindo de baixo para cima e que são representados pelas setas ascendentes. Quando se aproximam os conhecimentos acadêmicos que os alunos precisam aprender, dos conhecimentos que eles já possuem do cotidiano e de sua vivência facilita-se a ocorrência do aprendizado significativo (WELLINGS, 2013). A ideia dessa autora juntando as teorias de Ausubel e Vygotsky se aproxima também das considerações de Freire (2013) que considera que nenhuma pessoa é uma tabua rasa nem um pote vazio sem conhecimentos, mas sim que os alunos já trazem alguma experiência e conceitos de suas vivências e ambientes por onde passaram. Desta forma, torna-se interessante que o professor considere o que os alunos já sabem, ou seja, seus conhecimentos prévios.

Um aspecto que pode aproximar a aprendizagem significativa em relação a aprendizagem behaviorista é que sob condições adequadas, mesmo o aprendizado que ocorreu da forma mecânica pode se tornar significativo (AUSUBEL; NOVAK; HANESIAN, 1980). Caso o aprendizado que ocorreu de forma mecânica possa ser retomado, reestudado posteriormente e aplicado em novas condições desafiantes, ele pode se tornar significativo. É interessante que os alunos continuem estudando e não parem. O aprendizado continuado pode ajudar a

tornar as aprendizagens mais significativas. Há outros fatores principalmente nos tempos atuais de mudança. Na época na atual pós-moderna, ocorrem transformações e mudanças com grande velocidade na sociedade. Muitas dessas transformações são causadas pelas tecnologias e os meios de comunicação. Devido às transformações, muitos materiais didáticos, livros e conteúdo de CDs e DVDs tornam-se obsoletos num tempo relativamente curto. Tal fato também ocorre com muitos professores que não conseguem fazer seus cursos de atualização devido a terem que trabalhar por longas jornadas para obterem seu ganha pão no magistério. Para que a sociedade como um todo possa diminuir a defasagem ou ficar em atraso, torna-se interessante que as pessoas aprendam a aprender.

A ideia do aprender a aprender é muito atrativa e de fato, bastante interessante. Para que isso ocorra, o aluno tem que contar com a liberdade de escolher e encontrar seus caminhos. Ocorre frequentemente, que o aluno fica sem referencial para saber o que é o certo ou errado (DUARTE, 2009).

A crítica que se estabelece então é que o excesso de liberdade nas escolas, e a diminuição ou enfraquecimento do papel do professor, traz consigo o aumento de dificuldades em se realizar o processo de ensino e o de aprendizagem, pois este fica “solto” nas mãos do aluno e pode não ir para lugar nenhum.

Tudo leva a crer que para se melhorar a educação torna-se interessante fortalecer a figura do professor não autoritário, mas organizador, orientador, conhecedor, avaliador



e que possa trabalhar o aluno o aprender a aprender.

METODOLOGIA

A pesquisa social qualitativa é aquela na qual se buscam opiniões e aspectos qualitativos ao invés de números, porcentagens, fórmulas ou estatísticas (SEVERENO, 2009, LUDKE; ANDRÉ, 2013).

Realiza-se uma pesquisa qualitativa na qual se faz um estudo comparativo entre dois professores avaliando-se as formas de trabalho. O primeiro professor trabalha num colégio técnico de nível médio da rede privada numa escola localizada na região sudeste do Brasil. A outra é uma professora da rede privada também na região sudeste e que leciona na educação básica. Por motivos éticos e em respeito ao pedido realizado pelos professores não se divulgou o nome dos mesmos e das respectivas instituições de ensino.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As entrevistas com os professores e a respectiva discussão se seguem

Entrevista com o professor A: Este afirma que leciona matemática num colégio técnico de nível médio de uma escola técnica particular. Por questões éticas, respeitou-se o pedido do profissional para que não ocorresse a identificação do profissional e nem da escola onde leciona. O professor afirma que é muito respeitado e que a escola exige que o professor saiba se impor em suas palavras “Hai do aluno que se atrever a me desrespeitar! Ainda mais que como leciono o

dia inteiro, estou cansado e não tenho saco para aguentar brincadeira de aluno”. Quando um docente não se impõe sobre os alunos e os mantém comportados, é dispensado e substituído. A escola considera e exige que o professor tenha o domínio da classe e das turmas. Nas classes onde leciona, o professor exige silêncio das turmas e normalmente fala da importância em prestar atenção, pois tudo que fala será cobrado nas provas. Faz ameaças utilizando sempre as avaliações difíceis para amedrontar os alunos. Nestas, os alunos geralmente vão mal, pois muitos não têm base matemática e a formação que receberam dos níveis anteriores é muito fraca.

O profissional da educação informou que presenteia com pontos os alunos que se comportam bem, fazem os exercícios na sala e as listas de exercícios que ele solicita para serem feitas em casa. Ele tem um tempo muito curto para preparar as aulas e praticamente leciona o dia inteiro em turmas diferentes e colégios diferentes. Afirma que fica nervoso quando alguém pergunta “O senhor não trabalha, só dá aulas no colégio?” Então ele pondera “É lecionar não é trabalho não?”. Ele, em suas aulas, faz uso de apostilas que ele mesmo preparou há muitos anos atrás e isso é que o salva. Na declaração do professor “Lá tem a sequência correta a ser trabalhada e que atende às exigências dos PCNs e das Propostas curriculares do Estado de Minas Gerais”.

Comentários:

O professor revela uma face bastante cruel da vida deste tipo de profissional, que é aquela na qual tem que lecionar o dia inteiro e não conta com tempo para realizar suas reflexões. Conta com material de suas apostilas e com



isso trabalha as aulas em sequência e não há espaço para o diálogo, inovação e ouvir seus alunos. Seu trabalho é exaustivo e raramente consegue contextualizar ou trabalhar de forma a considerar os conhecimentos prévios dos alunos. Para evitar reclamações ou insubordinações, torna-se um professor rígido, exigente e que assusta seus alunos ou trabalha com a pedagogia do medo: afirma frequentemente que suas provas são difíceis e que muita gente fica reprovado na matéria. Esse professor mostrou-se distante dos seus alunos. Assume, mesmo sem saber, um comportamento educacional behaviorista ou comportamentalista. O lado bom da história é que não há esvaziamento do currículo. O professor já tem bem definido o que deve lecionar e a forma como vai fazê-lo. Ele é autoritário e não há indicação de que o professor esteja preocupado com a aprendizagem significativa de seus alunos, mas tão somente em cumprir tabela, ou seja, o que está programado para ser trabalhado. Apesar de utilizar suas apostilas, não parece muito distante do professor proletário que cumpre o que foi determinado. Trata-se de um professor técnico, de um curso técnico que trabalha em conjunto com vários outros professores técnicos e faz uso de um aprendizado behaviorista com suas apostilas e treinamento dos alunos. A sorte de muitos alunos é que boa parte dos conceitos aprendidos mesmo que por meio do aprendizado mecânico, pode ser transformar em aprendizagem significativa por meio da continuidade nos estudos ao longo dos anos, ao passo que outra parte que não for reforçada pode perder seu significado e deixar de fazer sentido para o aluno.

A seguir transcreve-se o resultado da entrevista com o segundo profissional da educação que é a professora B.

Entrevista B: A professora alfabetizadora de primeiro ano da educação básica de uma escola particular concedeu a entrevista na qual fala um pouco do seu trabalho. Para ela é preciso que o aluno aprenda de modo lúdico pois a primeira série é continuação da educação infantil e dos anos iniciais e a transição deve ocorrer de modo gradual. Para a professora, é preciso conhecer o mundo do aluno e trazer a história de sua família para a escola, por exemplo, perguntando, sobre o número de parentes que o aluno conhece e quem são eles, de onde vieram, do que eles gostam. Desta forma, procura-se saber o que o aluno já sabe e a partir deste mundo ela realiza as construções de modo crítico pois ela sabe que haverá cobrança por parte dos pais dos alunos que nas reuniões periódicas querem saber especificamente dos seus filhos, como eles estão se desenvolvendo. Não há regras para todas as coisas e há espaço para as professoras improvisarem. Por exemplo, numa das aulas recentes, tive que substituir uma outra professora numa das primeiras séries. Você entra numa turma e tem que lidar com os alunos que não são seus. “Tive que inventar uma brincadeira na hora para trazer os alunos para a participação: inventei uma dança da cobra onde os alunos iam chamando seus colegas para entrarem na fila que estava andando e aumentando a medida que mais alunos entravam na mesma e colocavam os braços nos ombros dos coleguinhas que já estavam na fila.”. Foi muito interessante e bom pois entrei na aula já com certo atraso pois só



depois que tiveram a certeza que a professora da turma não viria que me chamaram. Ela afirma que “é preciso ensinar o aluno a ser gente, respeitar o próximo, pensar no que faz e porque faz e se isso vai ser bom para ele, para a sociedade pois ele tem que aprender que tem direitos e deveres e tem que aprender a refletir sobre suas ações”.

Comentários:

Muitas vezes, um professor tem que trabalhar de modo improvisado e nestas horas tem que utilizar sua criatividade. Quando isso ocorre o professor vai acumulando informações sobre o que deu certo e o que não correu bem e vai formando sua experiência. No caso da professora, ela inventou uma atividade lúdica que envolveu os alunos de modo criativo, pois ela não conhecia os mesmos e logo se tornou amiga e envolveu os alunos na atividade. Essa professora mostrou conhecer na prática as ideias piagetianas. Para os alunos da série considerada o aspecto lúdico é muito importante pois o primeiro ano tem a faixa etária de 6 anos e é uma série de transição. Quando um professor consegue “captar” o mundo do aluno, pode trabalhar de modo mais contextualizado e pode atrair a atenção dos seus alunos e ajudá-los a construir o conhecimento. O professor não pode, no entanto, ser omissivo e deixar que as coisas aconteçam por si mesmo, ou seja, sem sua intervenção. No caso, há indícios de que a professora trabalhou na região proximal dos alunos, de modo vygotiskyano e também considerou as teorias piagetianas conforme a faixa etária considerada. É preciso que o professor tenha a visão completa da classe e seus valores e possa então trabalhar no

sentido de se alcançar os objetivos pedagógicos propostos para a mesma.

No caso de Vygotsky, atribui-se as mesmas coisas que ele nunca mencionou em suas obras como é o caso do interacionismo ou sócio-interacionismo (DUARTE, 2000). Ao invés disso, o enfoque vygotiskyano era histórico-cultural por exemplo, quando trabalha a família e a origem desta como mencionado na entrevista. Este enfoque vai a favor de um currículo e do que precisa ser trabalhado. Com a apropriação pelo professor do materialismo histórico-dialético, este passa a compreender melhor seu aluno o que cria condições para que se trabalhe melhor com o mesmo (VYGOTSKY, 2008)).

Como a professora conhece o que os alunos já sabem, fica mais fácil tentar trabalhar de modo significativo tanto a alfabetização quanto outros conteúdos. Como trabalha numa região proximal como considera Wellings, Vygotsky e Ausubel, pode chegar a uma aprendizagem que faça sentido na vida do aluno, ou que seja significativa. Professores trabalham a matéria prima mais importante para um País que são as crianças e jovens que vão se constituir no futuro da nação. Neste sentido, este profissional precisa estar atualizado, estudando também continuamente e buscando desenvolver suas habilidades e competências docentes para se tornar e manter útil à sociedade.

O professor precisa ter claro e nítido que é ele quem deve saber quais são suas intenções educativas, seus objetivos educacionais, suas metas, isso quando ele planeja e realiza uma aula (FARAGO, 2012). Neste sentido é preciso resgatar a figura do professor e valorizar seu trabalho sem o qual a educação só perde seu conteúdo e o professor sua



condição de realizar um bom trabalho, pois no modelo construtivista, o professor pode ser considerado como sendo autoritário por querer organizar as condições de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizou-se um estudo comparativo de dois professores: um técnico e outro crítico. Tratam-se de turmas diferentes e séries diferentes o que torna difícil a comparação, porém em termos da prática utilizada pelo professor que é o foco, pode-se observar as diferentes práticas educacionais. Verificou-se que de uma forma ou outra, os professores fazem uso de alguma teoria educacional mesma que não tenha consciência sobre o uso da mesma. Observa-se também em relação as teorias mais comuns que há divergências de interpretação. O professor técnico fez uso do ensino behaviorista, enquanto a professora crítica fez uso da psicogenética piagetiana e do trabalho na região proximal de Vygotsky ou de conceitos já possuídos pelos alunos de modo a favorecer a aprendizagem de modo significativo para as respectivas turmas consideradas.

A teoria construtivista de Piaget conta com limitações que devem ser consideradas, por exemplo, quando se realiza estudos com adultos, não se aplicam as teorias que foram desenvolvidas para explicar como as crianças aprendem.

Uma crítica que surge então é que como o excesso de liberdade, e a diminuição ou enfraquecimento do papel do professor, dificulta-se o processo de ensino e aprendizagem, pois este fica “solto” nas mãos do aluno e pode não ir para lugar nenhum.

A melhoria da educação brasileira esta associada à valorização do professor, sua formação continuada, pela melhoria das condições de trabalho desse profissional e pelo respeito pela sociedade como um todo.

Existe a interpretação polêmica das teorias Piagetianas e Vygotskianas que levam as pessoas a atribuir coisas que não foram ditas por esses autores. A educação e o conhecimento da verdade podem ajudar a melhorar a educação neste país.

A educação brasileira pode ser melhor para todos e as melhorias passam pela valorização do trabalho docente, o respeito pela pessoa do professor e pela sua valorização tanto salarial como também em termos de facilitação de condições para que os mesmos possam continuar estudando e tenham contato com as visões como a de Duarte que é um estudioso de Vygotsky, que são críticas e que fazem com que possamos enxergar melhor o que os teóricos como é o caso de Piaget e de Vygotsky em suas contribuições e o que realmente trabalharam e afirmaram.

É interessante que os professores se apropriem ou tomem posse dos conhecimentos sobre o assunto seja por meio de mais estudos nos cursos de graduação e mesmo na educação continuada em nível de pós-graduação para que se alcance uma educação melhor e que leve os alunos a níveis melhores de aprendizado e a sociedade mais próspera e feliz.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David P., NOVAK, Joseph D., HANESIAN, Helen. **Psicologia educacional**. Tradução Eva Nick. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.



DUARTE, N. **Sobre o construtivismo.**

Campinas: Autores Associados, 2000.

FARAGO, Alessandra C. **Concepções e tendências pedagógicas contemporâneas:**

unidades 4 e 5. Batatais: Claretiano, 2012.

GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais:** rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

LUDKE, Menga; ANDRE, Marli. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. 2. ed. São Paulo: EPU, 2013.

MOREIRA, Marco A.; MASSINI, Elcie F. S. **Aprendizagem significativa.** São Paulo: Vetor, 2008.

MAURI, Teresa. **O construtivismo na sala de aula:** o que faz com que o aluno e a aluna aprendam os conteúdos escolares? 5. ed. São Paulo: Ática, 1998.

PÁDUA, Gelson L. D. A epistemologia genética de Jean Piaget. **Revista FACEVV** | 1º Semestre de 2009. n. 2, p. 22-35
Disponível em:
<<http://www.facevv.edu.br/Revista/02/A%20EPISTEMOLOGIA%20GENETICA.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2015.

PIAGET, Jean W. F. **Psicologia da inteligência.** 2. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1972.

PIAGET, Jean W. F. **Desenvolvimento e aprendizagem.** traduzido por Paulo Francisco Slomp do original incluído no livro de:

LAVATTELLY, C. S.; STENDLER, F. Reading in child behavior and development. New York: Hartcourt Brace Janovich, 1972. Que, por sua vez, é a reimpressão das páginas 7-19 de:

RIPPLE R. e ROCKCASTLE, V. Piaget rediscovered. Cornell University, 1964.

Disponível em:

<<https://ead.ufrgs.br/rooda/biblioteca/abrirArquivo.php/turmas/9276/materiais/10977.pdf>>.

Acesso em: 05 mar. 2014. Acesso em: 02 jul. 2015.

PIAGET, Jean W. F. **Biologia e conhecimento.** Petrópolis: Vozes, 1973.

PIAGET, Jean W. F. **Epistemologia genética.** 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

SEVERINO, Antonio J. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SKINNER, Buhus F. **Sobre o behaviorismo.** São Paulo: Cultrix, 1995.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Paulo: Martins Fontes, 2008.

WELLINGS, Paula. **School learning and life learning:** the interaction of spontaneous & scientific concepts in the development of higher mental process. Published at Stanford University, in dec. 11, 2003. Available in:
<http://ldt.stanford.edu/~paulaw/STANFORD/370x_paula_wellings_final_paper.pdf>. Access in: July 3rd 2015. Acesso em: 02 jul. 2015.